

A Verdade

A demonstração pelo absurdo também é método de investigação nas Ciências Exactas. Quantas vezes, diante de uma realidade que nos transcende, incapazes de a definir em plenitude, não nos é mais fácil ir encontrando e dizendo o que ela não é!

Assim a Verdade! O Caminho que nos leva a Ela é a Vida. Três nomes de Jesus Cristo. Só vivendo apaixonados pelo que se quer descobrir, nos aproximamos do conhecimento desejado.

E não é assim, também, nas Ciências do mundo? Não é o investigador alguém que dá a vida pelo achamento de bens que resultarão em favor de muitos homens, no enriquecimento da Humanidade?!

Por muito que não queiram, uma recta metodologia dos homens não tem outro modelo que não seja a Pedagogia Divina.

Então porque têm alguns homens medo de Deus? De um Deus-Connosco, Senhor e participante da nossa História. Porquê tanto quererem expulsá-LO desta proximidade e participação, impossível senão pela exclusão dos homens da proximidade e participação a que Ele Se nos expõe?! Seremos nós a modificá-LO? Ou não será, pelo contrário, expormo-nos a um empobrecimento progressivo, reduzidos às limitações e ao relativismo específicos do Homem?

Não nos conhecermos, se porventura não queremos começar por esse o edifício dos nossos conhecimentos — não é mentira? Que julgaríamos do construtor que não cuidasse exaustivamente da solidez dos alicerces?! E tanta ruína que vai por esse mundo pejado de injustiças, mau grado as maravilhas das ciências e das técnicas — não será índice de que algo está errado no progresso engendrado pelo Homem, só por si?

Será verdade que o velho adágio «o homem lobo do homem» pertence à idade das cavernas; e hoje, no mundo dos arranha-céus, reina a fraternidade universal?

Falou-se bastante nestes dias no Holocausto, com muito farisaísmo à mistura — diga-se. Porque, depois deste, quantos holocaustos não têm sido e estão sendo perante a passividade e com a cumplicidade dos Senhores da Terra? Pois, por exemplo, não será desta espécie o sofrimento do Povo que sub-vive em Angola em ânsias de sobrevivência?! Será da espécie da Verdade o que o Mundo tem feito para evitar, para acabar com este holocausto? Fazer algo de Verdade, se calhar, seria esquecer-se o Mundo que Angola existe, sobretudo esquecer-se das suas riquezas. Nem diamantes nem petróleo nem armas — fim do negócio! Deixar que os angolanos tivessem que encontrar-se eles mesmos e só eles — e encontrar o seu destino. Reconquistando a paz, a fome cessaria com o regresso do Povo às suas terras, às suas lavras, aos seus rebanhos, à caça (até esta anda fugida!), à pesca. Os índices civilizados do

crescimento económico, seriam inexpressivos no princípio... Mas será que neles reside a Verdade — se em parte alguma são eles, só por si, os fatores da Justiça e de uma suficiência generalizada capaz de gerar mais felicidade e mais fraternidade entre os homens?!

— O que é a Verdade?

— Com certeza o respeito e a conformidade à natureza de tudo o que Deus fez.

O coração do homem devia ser a Sua sede. O coração como centro da vida, já que da vida é que se aprende a conhecer o seu próprio mistério. Mas com uma profunda e indispensável intervenção da Inteligência, temperada, porém, pela Humildade que é o instrumento e o termo do conhecimento de si próprio possível ao Homem.

Assim vou compreendendo cada vez melhor a Sabedoria que inspirou Teresinha de Lisieux a definir: «A Humildade é a Verdade»; e também inspirou Pai Américo a previr-nos: «Sem Humildade, nada!»

Padre Carlos



A nossa Aldeia na encosta, além desta bela lagoa.

As chuvas torrenciais que caíram na Província de Maputo e Gaza foram desastrosas. Quando nos levantámos, naquele domingo, há horas que não paravam; a nossa lagoa transbordava e a água inundava o pomar, passando alta por cima da pequena ponte que une a fazenda à Aldeia. Ia ser dia de festa na Massaca. Estaria o sr. Bispo para crismar e celebrar connosco. A estrada, cortada pelas águas na ponte de Boane e da Namaacha e em vários outros locais, nem permitia chegar à Matola.

Durante uma semana estivemos completamente isolados. Os rapazes chegaram a almoçar nas casas da Aldeia pela impossibilidade de saírem e ficarem molhados. Nem haveria com que secar a roupa.

A Escola, logo que foi possível, começou a funcionar com os mais adiantados

MOÇAMBIQUE

Deus fala alto na Natureza

a dar aulas aos mais novos porque os professores não podiam vir, a não ser os que moram na Massaca. Os que cuidavam do gado e das aves tinham que atravessar o mato e passar pela linha do comboio até à entrada da fazenda. As culturas de girassol perderam-se. Uma em floração e outra acabada de semear. As oficinas pararam por falta de corrente eléctrica. Os telhados logo começaram a deixar passar água e, no refeitório, em algumas casas e até na Capela quase não havia bocado onde não pingasse.

Entretanto, com tanta humidade e calor, explodiu a malária. As enfermarias encheram-se logo. Só cabem dez. Fomos aumentando até trinta. Passámos para a casa dos mais pequenos. O Nicolau é levado ao Hospital Central e dali para a Clínica especial. Esteve muito mal e nós muito preocupados com as recaídas fatais, porque a cloroquina não cura e a malária mata. Eram tantos que foi preciso dar preparação a um grupo de mais velhos para assistirem aos companheiros. Controlar a

temperatura e dar remédios a horas certas, fazer arrefecimento corporal, apontar no processo de cada um, servir as refeições e manter a limpeza, acompanhar de noite — era enfim um hospital. Tem sido preciosa a ajuda de Maria José uma professora de enfermagem nas comunidades. Nos dias piores, nem ela nem a Irmã Quitéria tiveram tempo de dormir. Aliás, curaram a sua malária sem ir à cama. Só cinco dos cento e quarenta e oito rapazes escaparam até hoje.

Continua na página 3

SETÚBAL

Mãe artífice na construção do homem

Vou aguardando, em preces contínuas, a resposta afirmativa de uma senhora-Mãe para o Lar do Gaiato de Setúbal.

Por várias cartas, aqui chegadas, dando-me ânimo e lamentando a ausência de sins, vejo que o Espírito de Deus anda, por aí, a bater às portas dos corações.

É urgente que o Senhor chame, mas com fortes marteladas. Eu vou agarrando, sem desfalecimento, no cabo do martelo. Quem malha é Ele.

Assoma-se ao meu espírito o terrível pressentimento de que terei de fechar o Lar dos rapazes.

A Mãe faz mais falta do que a casa.

Com Mãe alugava um ou dois andares. Sem ela, a casa que construímos e renovámos, situada no centro da Cidade, ampla, arejada, silenciosa, soalheira no Inverno e fresca no Verão, é um desconsolo.

Os rapazes saem e regressam das aulas carentes do calor que a Mãe exala; e no

vazio desta afectividade tornam-se mais frágeis, desequilibrando-se. Ele é queixas nas Escolas e o aproveitamento do estudo muito reduzido.

Já se foram embora dois, nestes trinta dias, com quinze e dezasseis anos, deixando-nos uma angústia inquietante: — Que será deles amanhã?...

A Maternidade da Igreja não se encontra somente na abundância da Graça de Cristo, como tantos julgam e pregam. Nela, na Igreja, o divino e o humano entrelaçam-se. O humano é sinal do divino. Jesus assim fazia. Curava o corpo para sinalizar o Seu poder de Salvação. Sinal e Presença.

Naquele tempo, Paulo aos Gálatas, que tanto lhe haviam custado, fala das dores da maternidade: «Filhinhos meus por quem, de novo, sinto as dores do parto até que Cristo seja formado em vós» (Gál. 4-19).

Não está muito longe da nossa, a linguagem do Apóstolo.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

OS SEM-ABRIGO — Ao longo dos anos, havendo que, temos dado poiso a pequenas famílias ou a pessoas solitárias sem-abrigo.

Há tempos, alojámos numa casita com sala/quarto, cozinha e quarto de banho, um jovem órfão, sem família nem tecto — um abandonado. Nesta época cheia de aliciamentos, seria de temer o empréstimo. Confirmando, porém, o quadro que nos foi traçado: é um moço equilibrado, ajudado por um companheiro de trabalho que lhe dá a mão fraternalmente e que é de gente que sabe bem quanto custa a vida. Apesar da crise, nós cremos nos valores eternos da Família!

O intróito vem a propósito dum recorte da Imprensa diária que nos passou pelos olhos:

«Na União Europeia o número de pessoas sem-abrigo ronda os três milhões. Contudo, se considerarmos aqueles que vivem em casas precárias ou barracas, o número aumenta para dezoito milhões. O futuro não parece muito optimista, caso os poderes públicos não enveredem por medidas de carácter social que permitam combater a exclusão social.

No mês de Fevereiro reuniram, no Porto, representantes da Federação Europeia que trabalha com estes Pobres (FEANTSA), uma organização internacional não-governamental sediada em Bruxelas, composta por sessenta organizações europeias.

A temática central dos debates foi o trabalho desenvolvido pelas Associações nos países da U. E., para além da troca de experiências no sentido de sensibilizar as autoridades locais para esta problemática e a necessidade de intervenção social.

As Associações dizem que a falta de investimento em habitações a preços económicos, em favor do sector privado, a subida do desemprego e do trabalho precário, acompanhado de mudanças na estrutura familiar, que se está a tornar cada vez mais monoparental, faz com que cresça o número de pessoas a viver em condições deploráveis ou, mesmo, a ter

que viver sem tecto, recorrendo ao apoio das instituições que se preocupam com os sem-abrigo.

O delegado português da FEANTSA disse que 'o conceito de sem-abrigo é mais lato e engloba não só aquele que não tem um tecto, mas também o que mora em condições precárias de habitação'.

Deste modo, os antigos albergues evoluíram no sentido de dar não só uma cama e refeição, como era inicialmente, mas também por se debaterem por uma completa inserção social dos mais carentes, pressionando os governos nacionais para os seus problemas.»

PARTILHA — A assinante 10770 põe contas d'O GAIATO em ordem e o «excedente será para a vossa Conferência, pequena ajuda para tantas despesas com que lutais e Deus vos ajudará sempre. Tenho 78 anos. Estou doente. E peço uma pequena oração ao Senhor, para mim».

O assinante 9790, de Perosinho, manda o habitual cheque com «votos de muitas Graças para todos. Deus e Nossa Senhora vos abençoe e proteja. Lembra uma oração por uma intenção particular».

Uma Lourdes, da Capital, presente com três mil escudos e absoluto anonimato.

Cinco mil, «para o que os Pobres mais precisarem», da assinante 47440 — Vila Nova de Tazém.

«Mais uma lembrança, com muito amor», por vale de correio, da assinante 24205, do Carregado. Um coraçõ grande!

O abonado donativo da assinante 5963 — «partilha de Novembro, Fevereiro e Janeiro com saudações fraternas e muita amizade d'Uma Assinante de Paço de Arcos».

A esposa dum conceituado cardiologista português, assinante 32517, de Lisboa, presente com «um cheque encontrado num sobrescrito de meu pai, já falecido, para ajudar alguém de provecta idade. O meu pai foi, com 94 anos, surdo, cego, algaliado e com fractura dos dois colos do fémur. Sofreu muito! A oferta é para alguém que também sofra. Junto ainda mais outra, para O GAIATO e livros, sendo o restante para os vossos doentes e pela minha precária saúde».

Luso: dois mil e quinhentos escudos do assinante 53241,

«contribuição que reconhecemos exígua para as necessidades dos vossos Pobres. Entre elas, conheceis quais são as maiores, distribuindo conforme o melhor critério».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VISITAS ESCOLARES — Ultimamente, recebemos a visita de estudantes de todos os graus de ensino.

Vêm tudo com interesse. Fazem muitas perguntas aos nossos cicerones. E, alguns deles, tomam notas para, depois, fazerem a sua reportagem para trabalhos escolares.

JARDINS — O que está defronte da nossa tipografia não tarda a ficar uma beleza, pela mão do Neca e seus ajudantes. São obras d'arte.

LIMPEZA — O Paulo (mudo), ajudante de trolha, limpa agora as escadas de granito, do refeitório, da Capela, das Escolas, etc. Fá-lo com muito gosto para ficarem lindas.

CARAS NOVAS — Recebemos mais rapazes que vêm para aqui fazer-se homens: O Cristiano com oito anos e o Márcio com onze. São irmãos.

Recebemos, ainda, mais três irmãos: O Gil com treze, o Fábio com nove, e o Maurinho com cinco anos.

Alto lá!, falta' mais outro: o Célio, de nove anos.

Todos eles estão felizes, porque somos amigos deles.

DESPORTO — A nossa equipa de júniores jogou com o Guimarães. Ganhámos por 5-4.

Os séniores, com outras equipas de que não temos nota. Venceram, também.

Em nossa Casa o futebol é rei!

FESTAS — Finalmente, chegou o dia de mostrarmos o que sabemos fazer.

RETALHOS DE VIDA

Licínio



Eu sou o Licínio Duarte de Assunção Bravo. Nasci em 17 de Março de 1988, na freguesia de S. Dinis, do concelho de Vila Real.

Vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, no dia 12 de Outubro de 1998. E tenho muito gosto de estar nesta grande Família porque, na minha, infelizmente, eu passava muito mal!

O meu pai era bêbado e batia na minha mãe. A avó de que eu mais gostava, estava doente. O meu pai também lhe batia.

A minha mãe, eu e a minha irmã mais pequenina, com dois anos, fugimos todos para casa da minha avó. Já não podíamos aturar aquele homem...!

Mas, no dia seguinte, à noite, foi até lá, voltou a bater a todos nós e a minha mãe, por tudo isso, meteu-o no Tribunal.

Mais tarde, morreu a avó de que eu mais gostava. Senti muito a sua falta. Ainda agora rezo por ela e pela minha mãe — para ela ficar melhor.

Frequento já a quarta-classe. E tenho interesse de continuar a estudar. Até porque, quando for grande, quero ser padre.

Licínio Bravo

Queremos que as pessoas fiquem com uma ideia do que são as Festas da Casa do Gaiato.

Estamos muito contentes porque agora há mais organização, mais ordem, etc.

Esperamos que corra tudo bem.

Aí vai o itinerário: 25 de Abril, 15 h. — Salão da Associação Nun'Álvares de Campanhã, Porto.

30 de Abril, 15 h. — Salão do Mosteiro de Paço de Sousa.

Filipe David e «Melão»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — A pobreza mora ao nosso lado e nós não a vemos.

Ao longo do ano existem diversas entidades a proclamar a luta contra a pobreza. Mas nós, vicentinos, notamos que,

em cada dia que passa, existem mais Pobres a clamar ajuda, e nós teimando que a pobreza passe ao lado.

Devíamos dedicar um pouco de tempo ao nosso semelhante, ouvir com atenção as suas lamentações porque saber ouvir é uma virtude.

Será que os corações estão a ficar insensíveis? Deus queira que não! A luta contra a pobreza não se trata de todos nós termos o mesmo, mas, sim, de não faltar o indispensável aos irmãos mais carenciados.

Seria bom que o ser humano tivesse o sentido da partilha.

Cristo, no Evangelho, diz que Pobres sempre existirão na face da terra, mas não diz que terão que ser sempre os mesmos nem que se trata de uma fatalidade!

Neste Ano Jubilar, de mãos dadas e coração aberto, sem medo de que sejamos mal entendidos pela sociedade materialista que por vezes gela o nosso coração, peçamos ao Senhor que nos dê Luz suficiente para que possamos ver o nosso seme-

lhante que espera com ansiedade uma palavra de amor e carinho.

RECEBEMOS — Hídio Pires, cheque de 10.000\$00. Anónima, de Fiães, o cheque habitual. Assinante 51077, a costumada oferta. Dolores, com as frequentes migalhinhas. Para todos os Amigos, os nossos agradecimentos.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal vicentino

Eu não teria sido poeta!

Eu não teria sido poeta
Se não tivesse amado
O cheiro dos pinheiros
E dos eucaliptos
Quando era pequenino!

Se não tivesse experimentado
Os puros ares,
O céu estrelado
E as aves
Voando por cima dos
[castanheiros.

Se não tivesse bebido
A água fresca
Que brota da terra
E saciava a minha sede.

Se não tivesse gozado
Da paz dos campos,
Do cantar das águas do ribeiro
E o trabalho dos bois mansos.

Se não tivesse provado
Os frutos dos pomares
Saboreados à luz do luar
Durante e no fim do Verão.

Se não tivesse brincado
Os jogos do arco,
O pião
E a bola de trapos.

Se não tivesse escutado
A palavra bendita
Que contém fantasias...
E se denomina: Poesia!

Manuel Amândio



Equipa de séniores...



... e de júniores do Grupo Desportivo da Casa do Gaiato de Paço de Sousa

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Uma multidão à espera

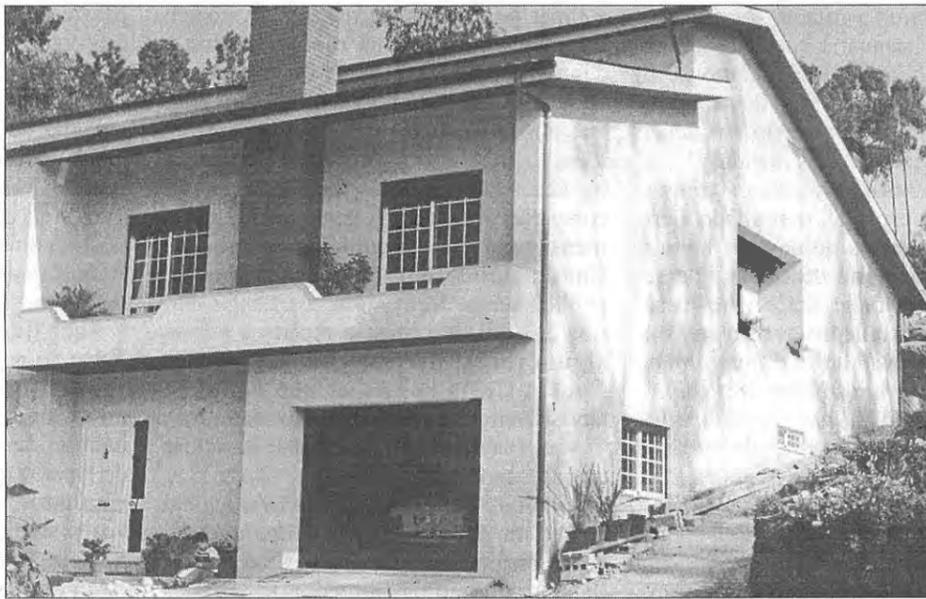
NAS ÚLTIMAS semanas visitámos sessenta famílias e a sua habitação nova ou reconstruída para a qual tinham pedido a nossa ajuda, em toda aquela região.

Foram dias bem aproveitados. O nosso companheiro chegava ao fim do dia e desabafava: «Quase já não sinto os meus pés de tanto andar, subir e descer».

As famílias estavam ansiosas pela nossa visita e pela nossa ajuda. Algumas já nos esperavam, há muito.

ENCONTRÁMOS uma habitação apalaçada e os donos aflitos para amortizar o empréstimo que, imprudentemente, tinham pedido.

Recebemos, por meio do Pároco, carta a pedir ajuda para o casal em dificuldade liquidar a prestação da casa, já com dois meses de atraso: «Estou em risco de perder a minha casa, se tiver de a vender como ela se encontra. Pedimos um



Uma casa que ajudámos a construir. Como milhares delas, pelo País fora, estão presas a empréstimos bancários.

empréstimo à Caixa, de dezassete mil contos. Ficámos a pagar cento e vinte contos por mês».

Ele tem uma doença óssea que o impossibilita de agir, pois trabalhava, por sua conta, em várias iniciativas

habilidosas. A mulher, com problemas renais e esclerose na coluna, teve que deixar o emprego.

Têm dois filhos, uma menina de seis anos e um menino de dezassete meses que esteve para abortar, mas, felizmente e graças a Deus, não abortou.

EM MUITAS aflições que conhecemos, temos mais presente uma delas: Um casal contraiu um empréstimo e fizeram a sua habitação, que ficou espaçosa, familiar, bonita.

Começaram a habitá-la e, a custo, conseguiam pagar a prestação no fim do mês.

A mulher continuou no emprego com um ordenado humilde e o homem deixou a sua profissão muito digna. Embora ganhasse pouco, atraído pelo que recebiam os serventes de pedreiro, agarrou-se aos baldes de massa. Passados poucos meses as mãos começaram a gretar e teve de voltar à profissão que sempre foi a sua.

Agora, com muita humildade, já não aspiram a diárias altas e dão exemplo de não ambicionarem o que não é possível, lição que muitos poderão tomar e que lhes sirva.

Padre Horácio

Moçambique

Continuação da página 1

A vida de Casa ficou transtornada. Ao fim de todas as refeições foi preciso preencher, com os sons, os quadros das tarefas domésticas, para que a vida corresse com um mínimo de normalidade.

As idas à cidade tornaram-se raras e difíceis. O caminho estava cortado, na ponte, em Boane e pela estrada da Namaacha. Depois que deram pequeno arranjo, só podíamos chegar a Boane.

Falar do que aconteceu realmente é desolador e acabrunha. Não tive coragem de tirar sequer uma fotografia. Deus fala alto na Natureza. Esta lembrança nos devastações e castigos bíblicos menos graves, no entanto, que acções planeadas de guerra e extermínio pela mão do próprio homem, por este mundo fora e por África também.

Padre José Maria

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

PASSEIO-CONVÍVIO

— Estamos a organizar um, em 30 de Abril, à região da Guarda, para correspondermos à ideia de um companheiro ali residente que gostaria de nos receber para um almoço por nós orientado. Cada um terá apenas de se munir de louça e sobremesas. A Associação cuidará do resto, embora a despesa seja a dividir. Prevemos que fique bastante barato.

Quanto a transporte, tentamos o aluguer de um autocarro, que custará 2.500\$00 por pessoa, para um mínimo de 30 elementos; ou mais barato, se forem mais. E que sairá de

Coimbra, junto ao Estádio Universitário, pelas 8 horas e o regresso pelas 21,30.

No caso de não se conseguirem pessoas em número suficiente, poderemos seguir em carros particulares, para que o passeio não fique sem efeito. Será uma prova de simpatia para o nosso companheiro da Guarda.

Esperamos a tua adesão e a inscrição respectiva até lá, pois cimentaremos mais a nossa amizade.

Aproveitamos a oportunidade para desejar a todos uma santa Pácoa.

Manuel S. Machado

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Março, 65.150 exemplares.

Cartas

Algo que não sei definir

«Muito agradecido, pel'O GAIATO que tenho recebido com regularidade e satisfação, pois a sua leitura é um misto de prazer e algo que não sei definir bem (às vezes vêm lágrimas aos olhos, dá para entender).

Assinante 57167»

Fonte de águas límpidas

«Leio sempre O GAIATO com muito agrado e procuro com uma certa ansiedade os assuntos escritos pelos Padres Telmo, de Malanje, e Manuel António, de Benguela. Este prazer da leitura, não só pelo conteúdo dos assuntos, plenos de bons ensinamentos, mas também pela forma elegante e bela como a maior parte dos colaboradores escrevem os seus artigos. Que Deus os abençoe a todos.

Que bom seria se os jovens e muitos adultos do nosso País, em vez de gas-

tarem os olhos a ler banalidades e futilidades, viessem ouvir o seu saber e desejo de novidades a esta fonte de águas límpidas e puras. Lucrariam eles e a nossa sociedade. Parece que andamos todos às avessas. Que Deus nos valha!

Assinante 22631»

Depois fica a comoção

«Lembro que, há bastantes anos, quando da minha permanência numa aldeia da Serra da Estrela onde leccionava, a leitura d'O GAIATO ocupava uma parte do meu serão, partilhando o comentário dessas notícias com a colega e a dona da casa onde nos hospedámos.

Hoje, depois de decorridos tantos anos, tornei-me assinante do Jornal.

Acabei de ler o que me chegou hoje. E, como sempre acontece, depois da leitura fica a comoção e um desejo de querer poder dar sempre um contributo para a Obra da Rua.

Assinante 70133»

DOCTRINA



Tela sem moldura para não perder nada do seu valor

PUBLICA-SE hoje uma carta para ser documento. Foi em Lisboa. Um senhor pára, pergunta se eu sou o Padre Américo e deixa ficar. O envelope trazia 500\$00. «Não sou nada» — responde quando lhe perguntei quem era. A carta diz assim:

«Senhor Padre Américo: Embriago-me na Obra da Rua! Amo-a com todas as veras do meu coração! Aprecio-a e vivo-a desde o mais recôndito da minha alma. Os seus bocadinhos de prosa em livros e ultimamente em *A Ordem* têm-me feito chorar lágrimas que parece afastarem-me deste mundo!... Várias vezes começo a ler os seus artigos próximo de pessoas e tenho de me afastar, pois sinto uma força imperiosa que me faz chorar. No seu artigo de há duas semanas, em *A Ordem*, diz: 'Por milagre de amor transformamos arroz em lágrimas! Limpá as tuas nos teus olhos. Se não choras diante deste episódio, não amas'. Amarei eu Deus conforme o meu bom Padre Américo compreende que Ele deve ser amado?! Se assim é, bendito seja Deus e bendita a Obra. — Ignoto».

Gostava infinitamente de te apresentar a carta encaixilhada, mas não sei onde hei-de ir pelo material. Fica a tela sem moldura para não perder nada do seu valor. Só o autor da carta o poderia fazer. Dizem que são documentos de Beleza certas estátuas mutiladas dos museus de categoria. Só o autor poderia reconstruir!

ESTÃO mais três, da Casa do Gaiato de Coimbra: Sérgio, Constantino e Carlos. Chegou um, de Mondim de Basto. Entrou. Teve medo. Fugiu. Júlio Mendes larga atrás dele e logo vai o Ernesto e outros. Daí a nada chegam, ofegantes. Na Casa há um, de Celorico de Basto. Passa, justamente, com um cesto e foicinha para os campos, na ocasião do regresso da malta. Juntámos os dois. Reconhecem-se. Eram ambos pedintes das feiras! Pede imediatamente uma foicinha e lá vão os dois amigos. Outrora aprendeu como se rouba, hoje como se trabalha! Ai se me não ajudas, não cumpres o teu dever!

A hora delirante dos gaiatos é aquela em que levam o gado a pastar. À porta dos currais, enquanto enfiam a sogá nas pontas, há furiosas disputas: cada um tem o seu boi mai-la sua vaca. É necessário intervir e definir posses! Depois do que seguem todos em bicha, campos em fora, a estostrar de contentes e dizer meiguices ao seu boi ou à sua vaca; eles, os pobrezitos da rua, que nada mais sabiam ontem além do palavrão!

O senhor Bispo do Porto deu-me licença de pregar a cruzada da Obra da Rua nos púlpitos da cidade. Começo amanhã por Cedofeita, à Missa das nove, das onze e do meio-dia. Vem. Não tenhas medo da chuva. Não vais endoidecer por ouvires — como sucede nos campos de batalha à mocidade transida de horror — não vais. Vais antes chorar de compaixão, que a guerra que eu faço é de amor!

D. Américo S!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.ª vol. — Campanha de 1943 a 1944)

ENCONTROS em Lisboa

Não fazemos nem autorizamos peditórios de rua

A Casa do Gaiato tem, graças a Deus, um lugar muito especial no coração das pessoas. Ainda bem que assim é, dado que a razão das nossas preocupações é a Criança e o Pobre. Questões que encontram muitas vezes mais soluções pelo caminho do coração do que pelo caminho dos cifrões.

É verdade que o dinheiro é um instrumento para realizarmos o nosso trabalho. Mas, se não houver corações generosos que se entreguem, o trabalho fica atrapalhado e incompleto. Nos dias de hoje, parece que é mais fácil abrir a bolsa do que abrir o coração e dar a vida. Creio que temos aqui muito para reflectir entre cristãos, não só neste tempo de Quaresma, mas ao longo de todo este Ano Jubilar. Custa menos dar uns tantos tostões para se ir em peregrinação, aqui e ali, a este ou àquele santuário de reconhecido nome e bela construção de pedra e talha dourada, do

que ir à procura do verdadeiro santuário que é o homem; santuário que Deus amou, Seu Filho assumiu e n'Ele encarnou e o Espírito Santo anima ao longo dos tempos. A pressa com que vivemos não nos deixa contemplar esta maravilhosa realidade!

Desde sempre, mas nos últimos tempos de uma maneira especial, temos sido alertados por telefonemas de pessoas nossas amigas para uma série de coisas que se estão a passar na cidade de Lisboa. Quase todos os telefonemas começam assim: «Creio que fui levado no engano, porque, em tal parte, estavam a fazer um peditório para a Casa do Gaiato. Como ia com pressa nem perguntei nem reparei no que me estavam a dar em troca». É assim... A nossa pressa e o tapar a consciência com uns tostões bem intencionados... Depois, a consciência do engano.

As pessoas que melhor nos conhecem, sabem que não fazemos nem autorizamos

a fazer peditórios de rua. Pai Américo nunca dava esmola na rua, sobretudo a desconhecidos e sem saber onde viviam e como viviam. A esmola na rua é um convite a toda a espécie de enganos. As pessoas, depois, pedem-nos para alertarmos os incautos a fim de não se deixarem cair como eles já caíram. A gente alerta, mas a mensagem tem dificuldades em passar. Um dia destes, uma pessoa dizia que se publicasse um desmentido nos jornais diários... Aqui deixamos o recado a ver se algum jornal diário acha que o deve fazer... Custa-nos saber que a polícia alertada vira a cara e vai noutra direcção.

Aqui ficam os sítios e modos de actuar de que temos conhecimento:

Junto do Hospital de Santa Maria e junto ao Jardim Zoológico é um grupo que ora vende uma pagela mal amanhada de Nossa Senhora de Fátima (fotocópia), ou umas fitas num alfinete que colocam no peito das

pessoas, ou então uma fotocópia com o esboço de um carimbo que não se consegue decifrar. Ultimamente, têm aparecido vendedores de jornais que se colocam nas entradas do Metro. Vendem jornais com o nome voltado para dentro e a pessoa só descobre mais tarde. Estou convencido que são jornais que vão buscar às entradas das Igrejas — atendendo aos títulos: *Voz da Verdade, Cavaleiro da Imaculada, Cidade da Imaculada, Sinais* (jornal vocacional)...

Aqui ficam os alertas como desejam. Talvez o problema não esteja nos alertas. Talvez a questão mais de fundo esteja na nossa mudança de atitude: menos pressa, menos ingenuidade, menos necessidade de tapar o grito da nossa consciência face aos outros, sobretudo os mais Pobres. Talvez o sermos capazes de olhar para cada homem a partir da sua dignidade e não a partir dos trocos que temos nos bolsos.

Padre Manuel Cristóvão

Setúbal

Continuação da página 1

O sofrimento por que havia passado com os homens da Galácia, lembra-lhe as dores, as angústias e incertezas das que vão ser Mães.

Poderia falar do martírio da paternidade que seria mais real, mas não. Utiliza os termos apropriados. É a Mãe quem forma o conteúdo mais sublime da intimidade humana onde Cristo se forma. Nos sentimentos, nos afectos, nas predilecções, no ideal.

A Mãe é artífice fundamental na construção do homem, na sua realidade humana e divina.

No abandono das barracas e no gelo das prisões, como no legalismo dos internatos, o Padre Américo sentiu, desde o início, que a ausência mais notada era a da Mãe. Por isso, contrapôs a tudo o que nesta área se fazia e continua a fazer: uma *Casa de família para os sem-família* — a Casa do Gaiato.

Ontem, entre nós, observei dois episódios de rara beleza. Uma senhora, de joelhos, junto da banheira, dava, carinhosamente, banho a um pequenino. Transpus 2000 anos e vi Nossa Senhora a cuidar do Seu Menino. As pernas, o rabinho, os sovacos, a carinha e a cabeça. Tudo era enlevo!... Depois enrolou-o num lençol turco, agarrou-o ao seu colo, apertou-o ao seu peito e... cobriu-o de beijos.

Outra, angustiada, e quase perdida em grande sofrimento, gritava, gesticulando com o que lhe nasceu, em criança, no coração, e tem agora quinze anos turbulentos: — *Não faças isso. Calate. Tem juízo!* O rapaz teve de ser castigado. Passou o domingo inteiro frente ao refeitório, de pé.

Quanto isto não deve ter doído àquela Mãe!

As dores da maternidade, aqui em Casa, nunca cessam. São contínuas, até que se forme, em cada um, a estrutura de Cristo. E ela nunca está completa. Nem em nós.

Padre Acílio

PENSAMENTO

Para combater o Mal — só o Bem!

PAI AMÉRICO

BENGUELA

Inquietação que nos aflige

CUSTOU-ME a dar à luz estas notas. Sentei-me à mesa da máquina de escrever, fechei os olhos e vi uma multidão de crianças exterminadas pela fome, pela nudez e pela doença. Não queria que fosse assim. Estas crianças vivem numa terra muito rica; morrem, entretanto, como se nada tivessem. O nosso pequenino infantil, com cerca de cinquenta bebês e idades a seguir, é uma resposta, à nossa medida, à inquietação que muito nos aflige. Queremos avançar mais, Sentamo-nos, entretanto, a medir as nossas forças. É uma honra muito grande estar ao serviço da vida. Dar bem e dar com sacrifício é nobreza de coração. Dar a vida é tudo, é plenitude. Entra no teu íntimo, escuta a voz da consciência. É Quaresma. Não feches o coração. Dá, que não perdes. Ganhas a vida. É um segredo paradoxal. Experimenta e conhecerás.

Guardo, muito viva, a parábola do homem rico e de Lázaro muito pobre rezada em um dos dias da semana passada. Duas pessoas enchem o quadro. Uma é rica e não carece de nada: «*Banqueteava-se todos os dias*». Bem perto vivia o mendigo, de nome Lázaro, gravemente necessitado: faminto, coberto de chagas que os cães vinham

lamber. O contraste escandaloso entre a proximidade física de ambos os personagens e a distância no seu *estilo de vida é o que mais fere a sensibilidade*. É isso o que deve ser condenado. Jesus assim o faz. O rico não é condenado por ter muito e ter vivido entre banquetes. É condenada a sua atitude desumana, negando-se a socorrer o Pobre. *Ignora* a presença do Pobre à sua porta.

A situação descrita na parábola continua a existir em nossos dias. E também continua a ser verdade que não entraremos no Reino de Deus, nem teremos um reino mais justo, mais humano, na Terra, sem pôr os nossos bens ao serviço dos mais Pobres.

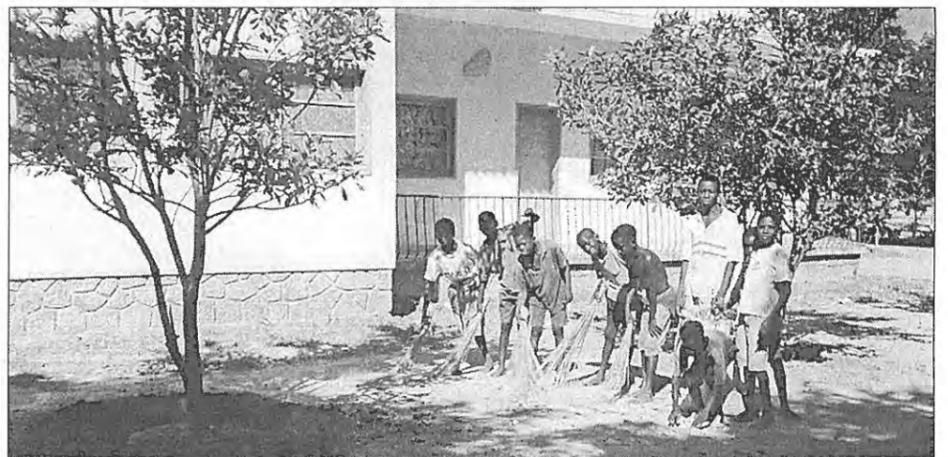
É extraordinariamente consolador experimentar a bondade das pessoas que

estendem a mão fraterna para levantar os caídos e segurar os que estão de pé para que não caiam. São mãos que fazem esta terra mais humana. Estou contente por ter o dinheiro necessário para comprar mais doze toneladas de milho que vão manter de pé as pessoas que andam à nossa volta. Liberto-me, ajudando os outros a libertar-se. Se os homens dos grandes negócios, mais os dos pequenos e médios, seguissem a mesma doutrina, o mundo seria mais feliz.

COMEÇARAM as aulas em nossa Casa e lá fora. As salas estão cheias, a abarrotar. Não devia ser assim em situação normal. Centenas de milhar de crianças continuam fora da Escola. Não podemos seguir o óptimo. Por isso,

vamos até ao limite razoável. Sentimo-nos felizes, sem dúvida, pela ajuda que damos às centenas de crianças que estudam em nossa Escola. Quem nos dera ver o Estado a construir salas de aula nos bairros que fazem a cintura da cidade! Quem nos dera ver rapazes nossos a ensinar nas Escolas! Já os vejo à distância. São catorze a estudar no Instituto Médio Normal de Educação, onde se preparam os professores. Ver estes rapazes em sector tão vital para o futuro de Angola, é razão para vos alegrardes connosco. Se não fosse a Casa do Gaiato, onde estariam? Que Angola seja digna destes filhos gerados nos escombros da guerra! Queremos viver na Esperança que não engana. Caminhai connosco.

Padre Manuel António



Trabalho a brincar